

A guerra árabe-israelense é uma guerra de negociantes

Renata Machado Santarem

Em uma conversa entre nós, integrantes da Biblioteca Terra Livre, surgiu a necessidade de, diante do conflito árabe-israelense, nos posicionarmos enquanto anarquistas sobre a questão.

Havia acabado de ler um texto sugerido por um dos companheiros para publicarmos, enquanto um posicionamento. O texto foi escrito no contexto da Primeira Guerra Mundial, por Adelino de Pinho, sob o pseudônimo de “Pinho de Riga”. Mesmo estando distante no tempo e no espaço sobre o problema que se abate hoje na região de Gaza, o texto é uma ótima reflexão sobre a guerra, seus motivos e, sobretudo, sua imbecilidade.

Enquanto lia o referido texto, um estudante da escola em que leciono me chamou no facebook (ah, as redes sócias!), perguntando-me a minha opinião sobre o conflito já citado.

Achei que da minha conversa com ele, poderia sair uma introdução ao motivo que nos faz publicar o texto de Adelino de Pinho nesse momento.

Pois bem, pensei que melhor do que escrever a introdução, seria reproduzir aqui minha conversa com este estudante, servindo esta então de introdução e posicionamento perante ao conflito atual que acompanhamos.

Sob a permissão do rerefiro colega de debate, reproduzo aqui nossa conversa e espero que ela consiga fazer um intercâmbio com as ideias presentes no texto de Pinho.

Pontuo também que o meu interesse em reproduzir tal conversa, em tal contexto, faz parte da vontade de compartilhar o ideal de educação por mim tão defendido: o desenvolvimento das relações humanas e do aprendizado horizontal, da troca em cima da liberdade de pensamento e da problematização!

M: Professora, você se posiciona a favor de algum lado no conflito entre Israel e Palestina?

Eu: Bem, o que você tem achado? Tem algum posicionamento?

M: Eu não tenho posicionamento. Na verdade se de um lado eu vejo islâmicos intolerantes, do outro eu vejo o egoísmo a todo custo. Os problemas ali são étnicos. Não me ponho a favor de nenhum lado, mas ainda vejo pessoas se posicionando a favor de um dos lados. Ando debatendo com alguns amigos para ver outras visões. Por isso vim aqui conversar...

Eu: E cá estamos! Que bom que tem rolado esse papo...mas onde você vê palestinos intolerantes? Você consegue citar um exemplo?

M: Professora, quando nós nos aliamos a um partido no qual pronuncia em alto tom " Não ao reconhecimento " bom... me deixa meio de lado. Mas claro, utilizar algo para se defender é obviamente justo. Porém o Hamas foi a pior ideia que eles tiveram, e por se aliarem ao Hamas são cúmplices deles... sem falar a hostilidade ao receberem os Judeus, na época em que Hitler estava atacando. Houve pequenos conflitos internos na antiga Palestina justamente pela religião que usa o Corão como ideologia. O mesmo que cita em um versículo único dizendo que NÃO podem se unir aos Judeus e Cristãos.

Eu: Mas até a Idade Média, muçulmanos (com o islamismo recém criado), judeus e cristãos conviviam naquela região... somente entraram em conflito nas cruzadas, quando a questão econômica de disputa pela terra entra em questão...

o problema então é menos religioso do que político-econômico, claro que ao meu ver religião e política caminham juntas, mas isso é outra história! Bem... temos que levar em consideração que a criação do estado de Israel foi algo feito de cima para baixo, por um pequeno grupo de judeus aliados do Ocidente, os chamados sionistas, ou seja, o estado de Israel foi imposto em um território há muito tempo habitado pelos árabes islâmicos. A partir daí o imperialismo territorial por parte do estado de Israel não parou de crescer. Junta-se a isso interesses políticos palestinos, interesses de um pequeno grupo como o Hamas. Esses interesses não correspondem a visão da população no geral... a vontade da população... de ambos os lados. É uma tensão criada por pequenos grupos, grupos que buscam a afirmação de seu poder, também de ambos os lados.

M: Então, claramente não é desculpa para o estado de Israel ser estabelecido, mas tomando como ponto de partida o seguinte: por conta de muitos conflitos étnicos foi criada uma solução pela ONU que separaria 52% do território palestino para os Judeus (mesmo eles sendo apenas 1/4 da população) e os judeus mais radicais fechariam acordo ali (o que n foi feito) e com isso, em um ato de orgulho, nojento alias, Israel passou a tomar conta de 78% da antiga Palestina

Pois bem, você n concorda que se não houvesse essa grande disputa religiosa, não precisaria nem existir a partilha? Ou melhor, caso aceita a pior das hipóteses... por

que os Palestinos não aceitaram o acordo? (claro que é mancada né, mas eles não tinham forças pra combater e é melhor que 78% do território). Essas são duas perguntas que me confundem... o que seria melhor a ser feito professora?

Eu: M, começo perguntado por que você acha que existe uma disputa religiosa, digo, de que forma você percebe nos argumentos utilizados por eles, a religião presente?

Porque eu vejo mais argumentos políticos do tipo "esse pedaço de terra é meu", ai sim, para justificar isso, eles recorrem as explicações religiosas....

M:

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=313575165488344&id=169622066550322&comment_id=313584068820787&ref=m_notif¬if_t=comment_mention&actorid=100002641772279]

M: Porque eles (Hamas) não pretendem fechar acordos com Israel e Israel por sua vez considera aquela terra santa por causa do muro das lamentações. Da uma olhada no link. O ódio muçulmano em cima dos Judeus/Cristãos é inegável. São basicamente genocidas! Ainda mais para os países do Oriente Médio, onde a porcentagem de muçulmanos (menos no Líbano que é 55%) é tudo superior a 80%.

Eu: Eu vi o link e esse é um dos pontos que eu acho mais importante. Quando olhamos a história e vemos séculos de convivência entre eles, dai fica mais claro o quanto esse ódio religioso, por parte dos judeus e com certeza por parte dos palestinos, foi criado pelos estados, por uma minoria com grandes interesses políticos e econômicos em cima da região, e a população comprou a ideia. Na real, eu me posiciono sempre contra a guerra, justamente por entender que ela é feita por uma minoria (o estado) que consegue convencer a população a lutar e se odiar, mas que na verdade busca apenas o seu próprio interesse. Vejo que esse é o problema da religião, ela nasce e se fortalece nas mãos daqueles que governam, que possuem o poder político e econômico e a população compra esse discurso.

M: Sim compraram. De fato. E isso que é o maior problema, porque os Judeus e os Muçulmanos andam se odiando cada vez mais. Arafat era um líder melhor que o Hamas. Seria mais fácil um acordo, por isso não me ponho a favor do Hamas e por motivos óbvios sou contra Israel, e contra essa guerra também. Mas fazer o que, não existem guerras racionais. Todas são por motivos " separatistas de ideias ". Mas então professora, você não está a favor de ninguém ? Digo dos lados políticos.

Eu: Dos "lados políticos" não M, compartilho do que você escreveu, sou contra a guerra em primeira instância (não contra a revolução!)... mas discordo de você quando diz que as guerras não são racionais. Acho que talvez as pessoas que lutam

nela, se deixem levar pela emoção, mas as pessoas que a pensam e a começam sabem muito bem o que querem: poder político e econômico.

No dia que surgir um grupo revolucionário, de qualquer lado, querendo o fim do estado e não sua ampliação, aí sim estarei de algum lado!!

Me posicionarei a favor!

M: Pensamos da mesma forma então dentro desse conflito. Mas então professora, o que você acha que poderia dar início a uma paz?

Imagino professora. O “esquerdismo” tocou seu coração, porém eu ainda n tenho setas. Por enquanto estou no conceito de que é possível mesclar algumas ideias. Mas enfim... hehehe

M: Hahaha... M. vc se move por princípios anarquistas... é só aceitá-los em seu coração! Hahaha...

M, antes de responder sua pergunta, estou lendo um texto antimilitarista escrito na primeira guerra... falando justamente dela e da paz... te interessa?

M: Me interessa sim professora. Eu digo isso porque tenho ideias que entram em atrito com a ideologia anarquista. Um ponto é a religião. O segundo é um estado sem um chefe. Ou uma nação sem um líder. E considerar algumas igualdades que eu não enxergo... não sei.

Eu: Conversaremos ainda sobre o anarquismo, mas não gostamos de falar em uma "ideologia" anarquista e sim em princípios anarquistas... liberdade com igualdade e horizontalidade...basicamente!

M: Conversaremos sim. Temos que debater sobre o feminismo e o marxismo se não for muito incomodo... hehehe...

Eu: Hahaha... de jeito nenhum...acho ótimo (sempre)!

E a conversa se encerra!

Creio que para resumir alguns dos pontos levantados acima e expor mais claramente o meu posicionamento em relação a questão, vale a pena o destaque: “compartilho do que você escreveu, sou contra a guerra em primeira instância (não contra a revolução!)... mas discordo de você quando diz que as guerras não são racionais. Acho que talvez as pessoas que lutam nela, se deixem levar pela emoção, mas as pessoas que a pensam e a começam sabem muito bem o que querem: poder político e econômico.

No dia que surgir um grupo revolucionário, de qualquer lado, querendo o fim do estado e não sua ampliação, aí sim estarei de algum lado!!

Me posicionarei a favor!”

E então, o destaque do que nos diz Pinho:

“Não, digam o que queiram todos os interessados da guerra, a verdade é que esta carnificina tremenda e odiosa não é movida por sentimentos bons, honestos, nobres e puros, mas sim por tudo que há de baixo, de vil, de ruim nos homens que se arrogam o direito de dirigir as nações, de arremessar os povos uns contra outros, para que seus negócios e os de seus apaniguados não periclitem, não sofram baixa. E a atual guerra é uma fogueira para qual todas nações contribuíram com a sua acha. Nenhuma está inocente: todas são cúmplices.”

E para finalizar, relacionando com a questão e contribuindo para um aprofundamento da reflexão, segue um recorte de um texto de Chomsky publicado no site outras palavras – “Chomsky: Barbárie em Gaza” – nos diz: *“Tudo isso vai continuar, enquanto for apoiado por Washington e tolerado pelo Ocidente – para nossa vergonha infinita”*. Com essa frase, Chomsky nos faz lembrar que a indústria de armamentos norte americana alimenta o conflito entre árabes e israelenses, por isso essa “guerra” – e aqui as aspas, pois assim como nossos companheiros da FAG acreditamos que não existe na verdade guerra, por não haver um exército combatendo outro, mas sim um exército massacrando uma população – é uma *guerra de negociantes!*

Acho que assim lançamos finas faíscas no debate do atual conflito, sob a luz anarquista!